

FRIEDRICH NIETZSCHE: ENTRE FILOLOGIA E FILOSOFIA
FRIEDRICH NIETZSCHE: BETWEEN PHILOLOGY AND PHILOSOFY

Marcelo Módolo¹

(Universidade de São Paulo)

Maria de Fátima Nunes Madeira²

(Universidade de São Paulo)

Resumo

Este artigo pretende discutir o conceito de filologia no século XIX e — a partir dele — postular que Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) não foi um filólogo convencional, comprometido com as diretrizes dominantes da filologia de seu tempo. Isso se deve: i) à concepção heterodoxa de uma filologia filosófica, pautada em uma das acepções do termo *filologia*; e, especialmente, ii) ao espírito dionisíaco³ (*Dionysischer Geist*) com o qual Nietzsche revestiu seu campo de estudos/atuação, quando professor de filologia clássica na Universidade da Basileia (1869-1879). Essa nova filologia, nietzschiana, prevê que os estudos de antiguidade clássica devem ser entendidos não só como veículo para propor “grandes questões”, mas também que tais estudos prosperam em momento posterior ao reconhecimento do filólogo como “sujeito do conhecimento”.

Palavras-chave: Filologia; Polissemia; Filosofia; Filólogo.

¹ Professor Doutor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq – nível 2 (processo número 308793/2019-6). E-mail: modolo@usp.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5808-9368>

² Graduada em Letras com licenciatura em Inglês e Português (1984). Mestranda no Programa de Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Seus estudos estão relacionados à Filologia, Paleografia e História da Língua Portuguesa. E-mail: fatima.madeira@usp.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6141-0714>

³ Segundo Abbagnano (2007), “DIONISÍACO, ESPÍRITO (al. *Dionysischer Geist*). Inicialmente contraposto ao espírito apolíneo (v.), foi depois entendido por Nietzsche como atitude própria do super-homem e como o fundamento da ‘inversão de valores’ que Nietzsche propunha. Para Nietzsche, Dionísio é ‘a afirmação religiosa da vida total, não renegada nem estilhaçada’. Em outros termos, é o símbolo da aceitação integral e entusiasta da vida em todos os seus aspectos e da vontade de afirmá-la e repeti-la (Wille zur Macht, ed. 1901, § 479)”.

Abstract

This article intends to discuss the concept of philology in the nineteenth century and — from it — postulate that Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) was not a conventional philologist, committed to the dominant guidelines of philology of his time. This is due to: i) the heterodox conception of a philology-philosophical, based on one of the meanings of the term philology; and, especially, ii) to the Dionysischer Geist spirit (*Dionysischer Geist*) with which Friedrich Nietzsche covered his field of study/performance, when professor of classical philology at the University of Basel (1869-1879). This new Nietzschean philology predicts that studies of classical antiquity should be understood not only as a vehicle for aspending “big questions”, but also that such studies thrive at a time after the philologist's recognition as a “subject of knowledge”.

Key-words: Philology; Polysemy; Philosophy; Philologist.

1. Considerações iniciais

A acepção da palavra *filologia* no século XIX ganha novo matiz nos escritos do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, pois é caudatária i) da filologia filosófica que emanaria do saber vindo da leitura verticalizada dos textos antigos, na esteira das observações de Said (2004), e ii) da filologia que seria um produto do espírito dionisíaco (*Dionysischer Geist*) com o qual Nietzsche revestiu seu campo de atuação, quando atuou como helenista e professor de filologia clássica na Universidade da Basileia (1869-1879).

Na mitologia grega, Apolo e Dionísio são, ambos, filhos de Zeus. Apolo é o deus da razão e da racionalidade, enquanto Dionísio é o deus da loucura e do caos. Assim, o Apolíneo é a expressão da razão e do raciocínio lógico. Já o Dionisíaco é a expressão do caos e apela para as emoções e para os instintos, o que, segundo os filólogos do século XIX, traria pouca precisão aos trabalhos filológicos de Nietzsche, criticado por fazer trabalhos com reflexos de uma alma artística, não metódicos e em nada afeitos a ciência rigorosa.

A concepção filológica de Nietzsche não se prenderia aos rígidos ditames lachmannianos⁴ de então. Este artigo aspira, sem qualquer pretensão de esgotar o assunto, apresentar algum esclarecimento sobre esta duplicidade nietzschiana no plano da filologia.

2. *Filologia, uma acepção polissêmica*

O termo *filologia* é derivado do grego φιλολογία (philología), em que φίλος (phílos) significa “amor, carinho” e λόγος (lógos) significa “palavra, articulação, razão” (CHANTRAINE, 2009). Dessa forma, pode ser definido como “amor à aprendizagem, à literatura, bem como à argumentação e ao raciocínio”, refletindo o leque de atividades incluídas no âmbito da noção de λόγος.

A polissemia da palavra *filologia* é característica que a acompanha desde seu nascimento, na Grécia antiga, há mais de vinte e quatro séculos. O termo foi adquirindo novos significados ao longo da trajetória em que filólogos tinham em mãos textos de características específicas que requeriam tratamentos diferenciados para serem entendidos e publicados.

Segundo Marquilhas (2010), esse “amor” presente no significado da palavra *filologia* foi adaptando-se através dos tempos: amor pelos versos homéricos, em Alexandria, amor pelos textos gregos, em Roma, amor pela palavra de *Deus*, na Idade Média, amor pela palavra dos Antigos, no Humanismo renascentista.

Por muito tempo, essa nomenclatura não foi empregada para fins de estudos linguísticos, vez que os filólogos eram aqueles que apreciavam a palavra como expressão de pensamentos, conforme se verifica no escritor latino Suetônio (69 d.C. – 141 d.C.) (SUETÔNIO, 1914), ao tratar do matemático grego Eratóstenes (276 a.C. – 194 a.C.):

Parece ter tomado a denominação de Filólogo porque, como Eratóstenes que por primeiro reivindicou para si próprio esse cognome, era considerado por seu múltiplo e variado conhecimento. Isso se depreende claramente de seus comentários, embora restem pouquíssimos: a respeito do volume deles uma

⁴ Nietzsche macularia o método histórico-crítico por buscar no passado a confirmação dos seus dogmas metafísicos de proveniência schopenhaueriana; ele não seria realmente um pesquisador científico nos moldes da filologia oitocentista, na medida em que conquista a sua sabedoria pela via da intuição.

outra carta ao mesmo Herma, acentua: ‘Lembra-te de recomendar a nossa Floresta, na qual reunimos, como sabes, oitocentos livros de todos os gêneros’.⁵

“Erudição”, palavra que também acompanha o termo *filologia* desde sua origem e normalmente define e condiciona a atuação do filólogo, parece ter revestido o sentido mais amplo do termo *filologia*, que passou a abarcar os estudos gramaticais, literários e históricos, as manifestações do espírito de uma sociedade e sua cultura, entendimento que merece respeito, tomando-se em conta a época e os autores que produziram edições filológicas com esse perfil. Afinal, valorosas edições realizadas nesse contexto mais amplo do termo *filologia* vêm contribuindo tanto para a recuperação e para a preservação do rico patrimônio cultural escrito, como para a transformação dos textos em fontes de pesquisa para os mais diversos tipos de estudo. Mesmo que muitos dos trabalhos que chegaram à época moderna não ofereçam a confiabilidade necessária, não por má-fé, mas pelo impulso de alguns editores de entregar à posteridade textos legíveis e irretocáveis, foram justamente essas experiências editoriais que levaram à verificação, pela crítica textual moderna, da imprescindibilidade de métodos rigorosos e claros para o estabelecimento do texto.

A partir do século XIX, a linguística e as ciências literárias ganharam autonomia e distinguiram-se da filologia, não se reconhecendo nas atribuições intrínsecas ao termo *filologia*. Por sua vez, segundo Castro (1995), a partir de então, a filologia passou a exercer a sua função mais pura e visível, associada à produção material e à existência histórica do texto escrito. Ganhando metodologia e cientificismo, as funções da filologia desencadearam ciências que agem solidariamente nos estudos do texto escrito. Para Castro (*idem*), o termo *filologia* tornou-se ideal para recobrir as preocupações que o estudo fidedigno de um texto bem estabelecido requer.

Atualmente, a filologia, apesar de ser restrita ao campo da linguagem, mantém vínculo com seu antigo entendimento. Segundo Spina (1994, p. 82),

A Filologia concentra-se no texto, para explicá-lo, restitui-lo à sua genuinidade e prepará-lo para ser publicado. A *explicação do texto*, tornando-o inteligível em toda a sua extensão e em todos os seus pormenores, apela evidentemente para disciplinas auxiliares (a literatura, a métrica, a mitologia, a história, a gramática, a geografia, a

⁵ No original: *Philologi adpellationem adsumpsisse videtur quia, sic ut Eratosthenes qui primus hoc cognomen sibi vindicavit, multiplici variaque doctrina censebatur. Quod sane ex commentariis eius adparet, quamquam paucissimi exstent: de quorum tamen copia sic altera ad eundem Hermam epistula. significat: 'Hylem nostram memento commendare, quam omnis generis coegimus, uti scis octingentos libros!'*. (De Gram. et Rhet., 10)

arqueologia etc.), a fim de elucidar todos os pontos obscuros do próprio texto. (Negrito nosso.)

Durante o decurso dos séculos, a palavra também foi empregada não conforme a entendemos hoje, mas para designar os pensadores, e o último deles — segundo Houaiss (2017) —, que insistia em chamar-se filólogo foi, exatamente, Nietzsche⁶. Por essa trajetória, rastrear-se-ia o sentido que a palavra tomou, desde que foi cunhada, até o século XIX.

Em seguida, passaremos à hipótese central deste artigo, ou seja, a filologia pode ser vista pelo viés do espírito dionisiaco (*Dionysischer Geist*), que, segundo os críticos, consistiu na base da filologia filosófica nietzschiana.

3. A filologia filosófica nietzschiana

Segundo Brobjer (2008, p. 42), Nietzsche começou a carreira como filólogo clássico — estudioso da crítica textual grega e romana — antes de se voltar definitivamente para a filosofia. Em 1869, aos vinte e quatro anos, foi nomeado para a cadeira de Filologia Clássica na Universidade de Basileia, a pessoa mais jovem a ter alcançado essa posição.

Durante os dez anos em que lecionou nessa cadeira, difundiu-se certo consenso de que o jovem Nietzsche seria um filólogo excêntrico, desprovido de rigor científico. Esse consenso foi produzido e difundido pelos círculos de filólogos universitários após a distribuição do panfleto *Filologia do futuro*, de Wilamowitz-Moellendorff⁷ (2005).

Esse panfleto, segundo estudiosos, conteria escrita inflamada pela publicação de *O nascimento da tragédia*, de 1872, pois a estruturação desse texto violaria fatos históricos e o método filológico lachmanniano⁸, vigente na Alemanha de então. Wilamowitz-Moellendorff (2005, p. 55) condenava Nietzsche em nome da ciência ameaçada:

⁶ Segundo NASSER (2015, p. 82), em cartas endereçadas a Friedrich Ritschl e Malwida von Meysebug, Nietzsche expressa o alívio por ser retratado como filólogo por Rohde, lembrando, ainda, que seu primeiro livro pode oferecer muita coisa no “plano da pura filologia” (Carta para Malwida von Meysebug, dia 7 de novembro de 1872, KSB 4. 82)

⁷ Enno Friedrich Wichard Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff (Markowice, Cujávia, Província de Posen, 22 de dezembro de 1848 – Berlim, 25 de setembro de 1931) foi um filólogo clássico alemão. Fonte: Wikipedia, consultado em 19.1.2021, às 18h 56 min.

⁸ Karl Konrad Friedrich Wilhelm Lachmann (Brunswick, 4 de março de 1793 – Berlim, 13 de março de 1851) foi filólogo e crítico alemão. Fonte: Wikipedia, consultado em 19 jan. 2021, às 18h 57 min.

Nietzsche defende uma filologia de artista, de escritor e de filósofo, que não apenas quer considerar os documentos escritos e as obras de arte como documentos históricos, mas que procura restituir a literatura, a arte e o pensamento antigos na sua presença viva, estimulante e atual. (Negrito nosso.)

Mesmo com o conceito etimológico de filologia referendado, discutido no trecho precedente, faz-se necessário lembrar a frase de Nietzsche (2020) que baliza a segunda e talvez principal hipótese deste artigo: “§ 19 tudo o que chamamos agora de cultura, educação, civilização terá algum dia de comparecer perante o infalível juiz Dionísio”. Dionísio era representado nas cidades gregas como o protetor dos que não pertenciam à sociedade convencional e, portanto, simbolizava tudo o que era caótico, perigoso e inesperado, tudo o que escapava à razão humana e que só podia ser atribuído à ação imprevisível dos deuses.

Deduz-se a partir desse trecho, portanto, que Nietzsche não se tornaria adepto da racionalidade socrática em se tratando de métodos filológicos⁹ e da concepção de mundo. A ilogicidade da vida permaneceria para ele altamente inspiradora, pois em sua concepção seria preciso que o filósofo reconhecesse que “o ilógico é necessário para os homens e que do ilógico resulta muita coisa boa [...] Até o homem mais racional necessita, de tempos em tempos, outra vez da natureza, isto é, de sua original posição ilógica relativamente a todas as coisas” (MA¹⁰: 51, *apud* MACEDO, 2006, p. 174). Nessa perspectiva, é importante reiterar que Nietzsche não abandonaria completamente suas raízes filológicas, mas estabeleceria com elas um permanente diálogo e, ao mesmo tempo, uma confrontação. Esse embate pode ser visto nestas duas frases de Nietzsche, ambas retiradas de sua correspondência publicada, sintetizando sua crítica em relação à filologia historicista e cientificista, dominante na época (*apud* “A apresentação à edição brasileira”, de Ernani Chaves, em NIETZSCHE, 2006, p. 9):

(...) em carta a Paul Deussen¹¹, de 4 de abril de 1867, ele afirma o desejo de “**vestir artisticamente**” seu trabalho sobre Diógenes de Laércio; a Erwin Rohde¹², por sua vez, em 4 de agosto de 1871, confirma a impressão do amigo acerca de sua conferência “Sócrates e a tragédia”, que Rohde chamara de “**obscuridade púrpura**”,

⁹ O logos, em Nietzsche, movimenta-se.

¹⁰ Humano, demasiado humano: Um Livro para Espíritos Livres (em alemão: Menschliches, Allzumenschliches: Ein Buch für freie Geister) foi a primeira obra de Friedrich Nietzsche após o rompimento com o romantismo de Richard Wagner e o pessimismo de Arthur Schopenhauer.

¹¹ Paul Jakob Deussen (7 de janeiro de 1845 – 6 de julho de 1919) foi um indologista alemão e professor de filosofia na Universidade de Kiel. Fonte: Wikipedia, consultado em 19.1.2021, às 18h 59 min.

¹² Erwin Rohde (9 de outubro de 1845 – 11 de janeiro de 1898) foi, no século XIX, um dos grandes estudiosos alemães da cultura clássica. Fonte: Wikipedia, consultado em 19.1.2021, às 19h.

expressão que Nietzsche mobilizará contra a pretensão de clareza e objetividade da filologia universitária. (Negritos nossos.)

A filologia vinculada ao empreendimento historicista na sua obsessão pela reconstrução científica do passado acaba por apagar o que para Nietzsche já era fundamental: a ligação entre o passado e o presente, a certeza prévia e necessária de que investigar o passado só se justificaria tendo em vista o presente do investigador.

Assim, essa exortação à filologia filosófica tem por finalidade romper com a visão demasiadamente estreita da filologia alemã de então, ofício analítico que aspiraria à pura erudição; criou, dessa forma, condições propícias para se proporem “grandes questões” visando-se à compreensão total — por exemplo, questões que interroguem o “sentido” último da tragédia grega.

Para Nietzsche, a tragédia revelaria o drama universal do homem envolto em suas afecções, na natureza, no sagrado e no profano, em seus limites e deslimites. Nietzsche reconheceu essa força como Dionísio a atravessar a tragédia e a desnudar o que há de eterno e ilógico no homem, um ser dividido, tensional, limitado, e por isso mesmo frágil.

Apoiada pela filosofia e sua revelação do universal, a filologia passa a ver a si mesma como uma atividade sintética que auxilia na elevação do “homem moderno”. Essa filologia reformada estaria comprometida não somente com frias normas científicas, mas também com o encargo de ver no mundo grego¹³ o caminho para verdades eternas, o que deveria, em última instância, suscitar efeitos estetizantes e edificantes: o reconhecimento da Antiguidade Clássica como um mundo ideal¹⁴, um espelho exemplar. Nietzsche buscava incutir o valor formador na mentalidade fortemente científica do filólogo como o valor mais elevado, o que viabilizaria uma retomada enfática dos ideais educacionais do projeto apresentado pelos classicistas: uma regeneração cultural da Alemanha, mediante um retorno aos gregos.

4. Considerações finais

Desde a origem, a palavra *filologia*, que do grego passou ao latim com o sentido amplo de “amor da ciência” e “culto da erudição ou da sabedoria em geral”, com o

¹³ Nietzsche e Wagner olham para os gregos como um povo que serviria de referência para os alemães, como inspiração para a criação de uma identidade cultural e de uma posterior unificação da Alemanha, no século XIX.

¹⁴ Curiosamente, um século antes, Johann Joachim Winckelmann (1717-1766) difundiu essa ideia na Alemanha, até certo ponto apoiada também pelo jovem Goethe.

sentido especial de “culto da ciência da linguagem” englobou toda sorte de indagações sobre os textos de qualquer natureza — históricos, religiosos, filosóficos, literários e científicos —, com a finalidade de preservá-los e de interpretá-los corretamente, o que implicava o trabalho de restituí-los na medida do possível à apresentação original, por meio de minuciosos estudos comparativos dos testemunhos existentes, conservados, muitíssimos deles, apenas em cópias de diversas origens, a que se deu o nome de apógrafos. Assim, para designar “os homens que se distinguiram quer pela vastidão, multiplicidade e profundidade dos seus conhecimentos gerais, quer pelo culto especial das ciências da linguagem” (SILVA, 2002), foi usada a palavra *filólogo*.

Como vimos, ao contrário da filologia convencional, a filologia filosófica de Nietzsche pensa o filólogo como sujeito produtor de conhecimento, o que engendra o antropomorfismo, o subjetivismo e o relativismo no interior dos estudos clássicos. Esse gesto guarda intuito inicialmente reformador, mas, em última instância, carrega em germe um enorme potencial destrutivo: se a verdade da antiguidade clássica é relativizada, então o projeto da filologia como uma “ciência da antiguidade” desmorona. Nesse sentido, Wilamowitz e os filólogos universitários podem ter alguma razão quando contestam o valor científico da filologia de Nietzsche.

O problema é que eles retratam tudo como uma provocação tola, obscurecendo uma trama que, na realidade, é muito mais complexa e profunda. A “filologia do futuro” de Nietzsche não dispensa de maneira arbitrária e inadvertida os direcionamentos cientificistas do método histórico-crítico, prosperando, com efeito, em momento posterior à verificação de contradições no ideário positivista que fecunda esse método. Assim, ao reconhecer essa limitação, não só se autoriza o filólogo a usufruir de seu talento heurístico, como também se abre o caminho para a filologia identificar-se como um tipo de “antropologia filosófica”.

O filólogo com consciência de si, com consciência do caráter impermeável do mundo antigo, aprende a enxergar na construção do ideal clássico as projeções dos desejos do seu presente, o que faz que a filologia se torne veículo para o autoconhecimento do homem pós-moderno¹⁵ e, no limite, para uma crítica da pós-

¹⁵ A pós-modernidade é um conceito da sociologia histórica que designa a condição sociocultural e estética dominante após a queda do Muro de Berlim (1989), o colapso da União Soviética e a crise das ideologias nas sociedades ocidentais no final do século XX, com a dissolução da referência à razão como uma garantia de possibilidade de compreensão do mundo por meio de esquemas totalizantes. A ideia da condição pós-moderna é algumas vezes caracterizada como uma cultura despida de sua capacidade de

modernidade. O filólogo se reconhece como a encarnação da inclinação regressiva e melancólica do homem de seu tempo, sendo, assim, o agente capaz de empreender uma reforma da cultura — como conhecedor do homem moderno, o filólogo é aquele mais apto a corrigi-lo. Logo, antes de ser um mero sinal de ecletismo, a filologia filosófica seria uma terapêutica do homem moderno. Porém, em sendo assim, já não se trata mais de filologia, mas tão somente de filosofia.

Referências:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed., São Paulo, Martins Fontes, 2007.

BROBJER, Thomas H. **Nietzsche's philosophical context: an intellectual biography**. s. l. University of Illinois Press, 2008.

CASTRO, Ivo. Filologia. Biblos. *In: Enciclopédia Verbo das literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa: Verbo, 1995.

CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots**. Paris, Klincksieck, 2009.

HOUAISS, Antonio. **Conferência “Os filólogos”**. (53min, 12s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d6p8YX25K7M>, 2017. Consultado em: 17.1.2021, às 17h 13 min.

MACEDO, Iracema. **Nietzsche, Wagner e a época trágica dos gregos**. São Paulo, Annablume, 2006.

MARQUILHAS, Rita. “Filologia oitocentista e crítica textual”. *In: ALVES, Fernanda M. et al. (orgs.) Filologia, Memória e Esquecimento*. Act. 20. Lisboa: Húmus, p. 355-367, 2010. Disponível em: http://www.clul.ulisboa.pt/files/rita_marquilhas/Marquilhas-MemoriaEsquecimento.pdf.

NASSER, Eduardo. “Nietzche e a reforma metodológica da filologia: o problema da cientificidade no contexto dos estudos clássicos”. *In: HYPNOS*, São Paulo, v. 34, 1º sem. 2015, p. 79-104.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Introdução à tragédia de Sófocles**. Apresentação à edição brasileira, tradução do alemão e notas de Ernani Chaves. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich W. **O nascimento da tragédia**. Tradução de Paulo César de Souza. Posfácio de André Itaparica. São Paulo, Companhia das Letras, 2020.

SAID, Edward W. “O regresso à filologia”. *In: Humanismo e crítica democrática*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

SILVA, Maximiano de C. e. “A palavra *filologia* e as suas diversas acepções: os problemas da polissemia”. *In: Revista Confluência*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 53-70, 2002.

SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica: crítica textual**. 2. ed., revisada e atualizada. São Paulo, Ars Poética; Edusp, 1994.

SUETONIO. **On grammarian**. 1914, Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Suetonius/de_Grammaticis*.html. Consultado em: 17.1.2021, às 16h 57 min.

WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, Ulrich. “Filologia do futuro I”. *In: MACHADO, R. (org.) Nietzsche e a polêmica sobre o nascimento da tragédia*. Tradução de Pedro Süsskind. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.